

MARIA MADALENA: DESCONSTRUIR A DEMONIZAÇÃO FEMININA EM PERSPECTIVA LIBERTÁRIA E DA PSICOTERAPIA CORPORAL

Marise Eterna Nunes

Doutoranda em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), mestre em Ciências da Religião, PUC Goiás, psicóloga, nutricionista. E-mail: marise.nunes@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

A escolha de trazer a imagem de Maria Madalena assim como ela aparece na Bíblia para esta discussão surgiu a partir da inquietação em compreender mais profundamente o impacto que os mitos religiosos têm na sociedade atual no que se refere à figura da mulher, que tem seu corpo subjugado, oprimido e violentado no sistema patriarcal vigente. Campbell (1990, p. 189) alertou que “a subjugação da mulher, entre nós, ocidentais, é uma decorrência do pensamento bíblico”. Já Cady Stanton (*apud* GEBARA, 2007, p. 9), sufragista norte-americana do século XIX, “se deu conta de que os homens contrários ao direito de voto feminino se apoiavam na Bíblia para fazer valer, em nome de Deus, as proibições de ascensão feminina à cidadania”. Assim, se constata que a Bíblia não é um livro neutro, pois possui uma linguagem androcêntrica que pode ser interpretada e usada contra as mulheres. E como esclareceu Wilder (2001, p. 52):

Não podemos deixar de reconhecer a influência decisiva dos mitos bíblicos e cristãos sobre o mundo ocidental e o fato de que, para o bem ou para o mal, essa história ainda condiciona as perspectivas e atitudes contemporâneas conscientes e inconscientes.

Esse corpo feminino subjugado não é só físico, psicológico e mental, mas é igualmente histórico, cultural, político e relacional, é a expressão da corporeidade. Vale lembrar o conceito de corporeidade defendido por Csordas (2008) como estando além da representação e do discurso, porém incluindo estas dimensões. O corpo não é mero instrumento, corpo significado, nem como lugar de inscrição da cultura, “mas é o corpo

fenomênico, como *locus* da cultura, meio de sua experimentação do ‘fazer-se humano’ em suas múltiplas possibilidades” (CSORDAS, 2008, p. 11). O corpo passa a ser o solo existencial do sujeito e da cultura, que se apresenta além do discurso e, portanto, não é mero instrumento. Então, tem-se o entrelaçamento da religião, da cultura e do corpo. Assim, pode-se refletir sobre a influência da religião que contém e expressa o ethos de um povo e do corpo (GEERTZ, 2017), que também é o *locus* da cultura (CSORDAS, 2008). Os corpos que subjagam e são subjagados contêm elementos e influências religiosas.

O objetivo, nesse texto, é realizar uma reflexão crítica acerca do processo histórico/mítico da subjugação do corpo feminino e da utilização de uma concepção sexual distorcida em prol da perpetuação da dominação androcêntrica, segundo a qual o corpo feminino perde a sua alteridade autônoma e é demonizado. Através da busca de dados que comprovem a violência contra a mulher na sociedade brasileira atual e a relação com a sexualidade e de estudos que fazem a análise histórica e crítica desta realidade, tencionou-se testar a hipótese de que a demonização da mulher a partir da sexualidade gera violência.

Para a sua consecução, tece-se um diálogo sobre os reflexos da imagem de Maria Madalena (GEBARA, 2007; GUIZZO, 2005; RICHTER REIMER, 2005; RICHTER REIMER; SOUZA, 2020; SANTOS, 2016d; SCHÜSSLER FIORENZA, 2009), a demonização da mulher ao longo da história, as perspectivas hermenêuticas feministas de libertação e a abordagem psicoterapêutica corporal de Wilhelm Reich, que entende a sexualidade como fonte de energia vital. Nas concepções de Reich (1979, 1983, 1995), Pierrakos (1990) e Lowen (1982, 1990), a sexualidade é compreendida, e pode ser experienciada, de forma saudável por intermédio da redescoberta do corpo oprimido e subjagado e torná-lo uma força de libertação e reconstrução.

2 A DEMONIZAÇÃO DA MULHER: DO TEMPO BÍBLICO À CONTEMPORANEIDADE

Revisitar a imagem de Maria Madalena, proferir o seu nome, nos abre uma perspectiva de observar o que ela significa em nosso consciente individual e coletivo. Ao longo da discussão, vamos deixar que esse reflexo nos inspire na compreensão e desconstrução da sexualidade feminina demonizada.

Não há intenção de se fazer aqui uma interpretação das passagens bíblicas¹, mas de trazer a percepção de alguns autores sobre o mito ou o arquétipo que Maria Madalena representa. O arquétipo é definido por Jung (2000) como o tema que renasce após séculos de desgaste, representando uma sucessão de repetições de uma mesma vivência através de um conjunto de imagens. Essas experiências ficam armazenadas no inconsciente coletivo,² pois perpassam muitas gerações, com séculos de existência. Os arquétipos representam motivações que vão delineando as experiências humanas, irrompendo emoções profundas e influenciando gerações.

Campbell (1990) afirmou que as literaturas grega, latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de todos. À medida que essas literaturas foram sendo suprimidas ao longo do tempo, as informações mitológicas do Ocidente foram se perdendo, mas muitas histórias ainda permanecem na mente das pessoas. O mito tem o poder de nos capturar e nos levar a visitar a vida interior, assim compreendendo o significado das antigas tradições. Desse modo, as nossas experiências cotidianas podem ter ressonância com o interior do nosso ser e podemos nos deleitar com o fato de estarmos vivos. Os mitos nos dão pistas, nos ajudam a procurar, a compreender e a relacionar o que acontece fora com o que temos interiormente.

Campbell (1990) ainda destacou que a ideia da mulher como pecadora só aparece na tradição bíblica quando no mito da queda a natureza e o sexo são corruptos e a fêmea, como epítome do sexo, é um ser corruptor. Porém, a mulher, Eva, trouxe a vida ao mundo. Ela é a mãe deste mundo temporal e anteriormente só havia um paraíso (sem tempo, sem nascimento, sem morte, sem vida) e um sonho. A serpente lhe ofereceu o fruto da vida.

Há um equívoco imposto na história da Criação por escritores masculinos, produtos da cultura e história patriarcal e androcêntrica. Richter Reimer (2009, p. 19) ressaltou que

Dentro deste amplo horizonte histórico-cultural de experiência religiosa e produção de textos na Antiguidade, reconhecemos que nossos textos sagrados guardam em si aspectos de heterodoxias e de práticas variadas. O que havia nos princípios dos

¹ Acerca disso, ver estudos publicados por Guizzo (2005), Revista IHU (2016, 2021) e Richter Reimer; Souza (2018) com bibliografia.

² Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato do inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (JUNG, 2000, p. 14, grifos do autor).

cristianismos originários era a diversidade, muitas vezes permeada por conflitos, e não a homogeneidade, como muitas vezes sequer/se faz crer.

Ao ler a passagem de Lucas 24,1-11 com despreendimento de qualquer conceito ou preconceito, percebe-se a beleza do momento quando Maria de Magdala acorda, ou talvez nem tenha dormido, e com a tristeza da perda do seu mestre/amigo/companheiro (SUA BÍBLIA..., 2022). Ela se dirige, antes do nascer do sol, ao túmulo a fim de visitá-lo, enquanto os homens dormem. Com tristeza, mas com a força da mulher proclamadora, ela volta para anunciar que o túmulo está vazio, sendo desacreditada pelos homens.

É para Maria Madalena que Jesus aparece primeiro depois da crucificação. É essa mulher que Ele escolhe para proclamar a Sua ressurreição, o que dá a ela grande responsabilidade, já que as mulheres eram desacreditadas pelos homens. Entretanto, Ele confiou nela, pois, provavelmente, sabia de sua capacidade e poder.

Como descrito por Guizzo (2005, p. 23) e por Richter Reimer e Souza (2018), apesar da importância de Maria Madalena para o cristianismo, ela é citada nos quatro evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) somente 12 vezes: Mateus 27,56, 27,61 e 28,1; Marcos 15,40, 15,47, 16,1 e 16,9; Lucas 8,2 e 24,10; João 19,25, 20,1 e 20,11-18. Entre essas 12 citações, 11 estão relacionadas com os eventos da Paixão:

O sofrimento, a superação da morte e a regeneração são testemunhadas pelas mulheres no Gólgota (em hebraico, "o lugar da caveira"), como se fossem as únicas capazes de perceber os eventos que se desenrolavam no mundo invisível (GUIZZO, 2005, p. 23).

Em todas as passagens citadas, é salientada a fidelidade de Maria Madalena, que segue Jesus durante todo o tempo, mesmo tendo consciência acerca das leis romanas, que não perdoavam quem seguisse um crucificado. Ela participou do sepultamento de Jesus, preparando Seu corpo conforme as tradições judaicas, e também se tornou peça-chave na ressurreição de Cristo (GUIZZO, 2005).

Richter Reimer e Souza (2020) salientaram que o enfoque feminista da corporeidade colaborou com a ideia de fidelidade das mulheres que se articularam e se mantiveram firmes depois da fuga dos discípulos no processo de morte e ressurreição de Jesus. Elas lhes prestaram homenagem através da unção e de gestuais em relação ao corpo de Jesus, fato aprendido a partir da convivência com o Mestre nas comunidades em que Ele acolhia e curava através do toque e incentivava o cuidado do ser de forma integral.

Em Marcos, Mateus e João, Jesus se revelou a Maria Madalena após a ressurreição. Em João, quando Jesus apareceu para Maria Madalena, em um primeiro momento, ela não O reconheceu. Esse fato foi utilizado por alguns exegetas para afirmar que Maria Madalena, sendo pecadora, não estava preparada para vê-Lo. Na verdade, em nenhuma passagem da Bíblia ela é desmerecida; pelo contrário, ela foi escolhida como mensageira de Jesus e Ele a constituiu apóstola (GUIZZO, 2005; Revista IHU 2016, 2021; RICHTER REIMER; SOUZA, 2018).

A invenção da Maria Madalena pecadora teve vários propósitos, tratando-se de uma política patriarcal eclesial de retirada de poder das mulheres. Como bem comentou Ivoni Richter Reimer em entrevista concedida a Santos (2016d, p. 35),

[...] esta foi a Maria Madalena usada para justificar a criação de conventos para mulheres, para afirmação do celibato ou da abstinência sexual. Tirando-se o poder da Maria Madalena apóstola e companheira de Jesus, tirava-se também a força dos movimentos eclesiais madaleanos.

Em 15 de julho de 2021, a teóloga, escritora, jornalista e ativista inglesa Margaret Hebblethwaite publicou um artigo no periódico católico semanal *The Tablet*, em que fez algumas considerações sobre o que aconteceu com a imagem de Maria Madalena (HEBBLETHWAITE, 2021). A escritora avaliou que muito foi feito nos últimos 30 anos para mudar a imagem negativa de Maria Madalena; porém, parece que isso só aconteceu entre os teólogos. De acordo com ela, em 2016, o Papa Francisco elevou ao status de festa a memória de Santa Maria Madalena, em mais uma tentativa de desfazer a grande confusão em relação à imagem da apóstola de Jesus.³ Por muitos séculos, Roma manteve o erro de considerar que Maria Betânia, que aparece no Evangelho de João, era Maria Madalena, assim como o reconhecimento de que quem Lc 7,37 apresentou como pecadora sexual que ungiu os pés de Jesus não é Maria Madalena, sobre a qual Lc 8,2 se refere como “Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios”. Hebblethwaite (2021) questionou a razão das duas terem sido transformadas em pecadoras e não em supermulheres. Em nenhum outro lugar dos Evangelhos a possessão demoníaca é confundida com depravação sexual.

Por volta de 591, o Papa Gregório Magno fez uma fusão de três Marias: Maria, a pecadora, a que unge os pés do Senhor; Maria, a de Magdala, libertada por Jesus de sete

³ Ver informações e discussão acerca disso em Richter Reimer e Souza (2018).

demônios, e Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (BLANCO, 2018). O Sumo Pontífice fortificou ainda mais a “confusão” entre essas três mulheres com seu sermão impressionante. Em entrevista concedida por e-mail a Santos (2016b, p. 20), a teóloga Elizabeth Johnson relembrou as palavras do Papa Gregório Magno:

Aquela a quem Lucas chama de pecadora, a quem João chama de Maria, cremos que ela seja a Maria de quem Jesus expulsou sete demônios de acordo com Marcos. E o que significavam esses sete demônios, senão todos os vícios? [...] Está claro, irmãos, que a mulher anteriormente usava o unguento para perfumar sua carne em atos proibidos [...].

Em adição a isso, o Sumo Pontífice reiterou que

Ela havia cobiçado com olhos terrenos, mas agora, por meio da penitência, eles são consumidos pelas lágrimas. Ela exibia seu cabelo para realçar seu rosto, mas agora seu cabelo seca as suas lágrimas. Ela havia falado coisas orgulhosas com a sua boca, mas, ao beijar os pés do Senhor, ela agora plantou a sua boca nos pés do Redentor. Para cada prazer, portanto, que ela tivera em si mesma, ela agora imolava a si mesma. Ela transformava a massa dos seus crimes em virtudes, a fim de servir a Deus inteiramente em penitência (HEBBLETHWAITE, 2021).

Outro fato citado por Hebblethwaite (2021), que esclarece o mito de Maria Madalena arrependida, foi a tentativa ocorrida em 1984 pelo estudioso anglicano John Wenham de que a “atraente e aventureira” mas “temperamental” Maria de Betânia, irmã de Marta, deixou sua casa e se dirigiu à “deleitosa” cidade de Magdala. Contudo, sua pequena aventura, “em princípio tão empolgante e agradável, azedou totalmente contra ela”, quando ela se voltou para a prostituição, tornando-se uma Maria de Magdala arrependida (HEBBLETHWAITE, 2021). Para a autora, além de insultar Maria, Wenham também ofendeu as prostitutas quando as considerou lascivas e usurpadoras dos homens e não vítimas de tráfico sexual e cafetões, em comentário totalmente misógino (HEBBLETHWAITE, 2021).

Federici (2017) explicou que tanto a supremacia masculina como a demonização da mulher continuaram fortes nos séculos XVI e XVII, e que 80% das pessoas julgadas e executadas eram mulheres acusadas do crime de bruxaria. A mesma autora declarou que as premissas para justificar a demonização da mulher vão mudando ao longo do tempo. Enquanto os autores do *Malleus Maleficarum*⁴ justificavam que as mulheres praticavam a

⁴ O mais famoso de todos os livros sobre bruxaria, *Malleus Maleficarum* (O martelo das bruxas), foi escrito em 1486 por dois monges dominicanos. No ato, e ao longo dos três séculos seguintes, se converteu no manual indispensável e a autoridade final para a Inquisição; para todos os “juizadores”, magistrados e sacerdotes, católicos e protestantes, “na luta contra a bruxaria” na Europa. Abarcava os poderes e práticas

bruxaria por ter luxúria insaciável, Martinho Lutero e os escritores humanistas consideravam que as bruxas tinham debilidades morais e mentais que as levavam à perversão (FEDERICI, 2017). Em 1484, na bula do Papa Inocêncio VIII, surgiu a associação entre contracepção e aborto, sendo as bruxas acusadas de conspirar para destruir a potência geradora de humanos e animais.

Entre as várias fontes pesquisadas por Federici (2017) em busca de uma justificativa para a caça às bruxas, parece que, pelo menos em parte, pode-se afirmar que tenha sido uma tentativa de criminalizar o controle da natalidade e de colocar o corpo feminino, o útero, em prol do aumento da população e da força de trabalho. Muitas bruxas eram sábias parteiras e conhecedoras do controle reprodutivo. Na França e Inglaterra, no século XVI, poucas mulheres foram autorizadas a praticar a obstetrícia e um século depois esta prática estava sob o controle do Estado.

Federici (2017) nos faz refletir sobre o efeito ocasionado nas mulheres que tinham suas amigas, parentes e vizinhas queimadas nas fogueiras, após serem brutalmente torturadas. As torturas e a morte eram testemunhadas sobretudo pelas mulheres e essa dor e esse medo não ficaram restritos apenas àquele momento, pois perpetuaram-se e ficaram gravados no imaginário das mulheres. Qualquer iniciativa contraceptiva era interpretada como uma perversão demoníaca. Havia o controle do Estado sobre o corpo feminino, “o principal pré-requisito para sua subordinação à reprodução da força de trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 331). As parteiras, a mendiga que roubava um pouco de manteiga ou lenha dos vizinhos, qualquer mulher que evitasse a maternidade, a mulher promíscua que praticava a sexualidade fora do casamento, a mulher rebelde que lutava contra o poder feudal, contra a autoridade masculina e a Igreja eram consideradas bruxas.

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde (sic) se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2017, p. 334).

Paralelamente à caça às bruxas, a vida familiar, as relações de gênero e de propriedade eram submetidas a novas legislações. De um extremo a outro da Europa Ocidental eram aprovadas leis que castigavam as adúlteras com a morte. Além disso, o

dos bruxos, suas relações com o demônio, e sua descoberta. A Inquisição, a fogueira, a tortura, mental e física, da cruzada contra “a bruxaria”: tudo isto é conhecido. E por trás de cada um dos atos sanguinários se encontrava este livro, ao mesmo tempo justificando e como manual de instrução (MALLEUS..., 2007).

infanticídio era crime capital e a prostituição e os nascimentos fora do casamento eram ilegais. As amizades entre mulheres eram vistas como uma subversão, “a palavra *gossip* (fofoca), que na Idade Média tinha o sentido de ‘amiga’, mudou de significado, adquirindo uma conotação depreciativa” (FEDERICI, 2017, p. 335).

Houve uma complexidade de ações coordenadas para minar o poder das mulheres e os laços entre elas. Houve um plano ideológico pelo qual se construiu uma imagem degradada da mulher e uma imagem da feminilidade a partir da “natureza dos sexos”, apresentando uma criatura fraca, inclinada para o mal, que necessitava do controle masculino, uma justificativa para a ordem patriarcal.

No Brasil, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022) antecipou os dados para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 relacionados à violência letal e sexual contra meninas e mulheres. Os dados foram coletados a partir de boletins de ocorrência nas polícias civis nas 27 unidades da federação. Esses dados mostram que a violência letal contabilizou 1.319 mulheres vítimas de feminicídio em 2021 e 56.098 estupros (incluindo de vulneráveis) apenas do gênero feminino, com crescimento de 3,7% em relação ao ano anterior. Assim sendo, no ano passado, a cada 10 minutos uma menina ou mulher foi vítima de estupro, considerando-se apenas os casos que foram notificados (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). Cerqueira *et al.* (2021, p. 41) demonstraram que nos últimos 11 anos “enquanto os homicídios de mulheres nas residências cresceram 10,6% entre 2009 e 2019, os assassinatos fora das residências apresentaram redução de 20,6% no mesmo período indicando um provável crescimento da violência doméstica”.

Há uma grande preocupação diante das mudanças na legislação, com mais de 30 decretos e atos normativos publicados desde janeiro de 2019 para propiciar a flexibilização da posse e a ampliação de compras de armas de fogo. Esse fato pode agravar o cenário da violência doméstica, já que instrumentos ainda mais letais ficarão disponíveis para os agressores.

Os ataques contra as mulheres continuam ocorrendo no Brasil, pois o armamento da população e a violência são estimulados pelo atual governo federal, que também utiliza o misticismo, através de símbolos e falas religiosas, para camuflar essas ações e os índices alarmantes de violência. Como exemplo desse discurso deturpado, tem-se a fala da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, no lançamento da candidatura de seu marido para a campanha presidencial de 2022:

Quando o Planalto se fecha, eu entro com os meus intercessores e eu oro na cadeira dele e declaro todos os dias: Jair Messias Bolsonaro, sê forte e corajoso. Não temas, não temas. Ele é um escolhido de Deus. [...] Falam que ele não gosta de mulheres. E ele foi o presidente da história que mais sancionou leis para mulheres, para a proteção das mulheres. Setenta leis,⁵ 70 leis de proteção para as mulheres (LEIA..., 2022).

Em seguida ao discurso da primeira-dama, o Estadão apurou que, até o momento, Bolsonaro sancionou 46 projetos, nenhum de autoria do governo atual. Entre os projetos aprovados pelo Congresso, Bolsonaro foi contra seis, de forma integral ou parcial, que beneficiavam diretamente as mulheres, inclusive o que garantiria distribuição de absorventes a mulheres carentes e o que concederia pagamento do auxílio emergencial em dobro para mulheres chefes de família durante a pandemia de Covid-19 (WETERMAN, 2022).

Nota-se, portanto, que a violência praticada contra as mulheres está muito presente. Trata-se de um tipo de violência que pode se manifestar de forma psicológica, física, simbólica e até hermenêutica, porquanto caracteriza uma violência estrutural.

Richter Reimer e Souza (2020) relataram que do século II ao IV, o processo de canonização dos textos cristãos foi realizado por bispos letrados e os ensinamentos de ministérios e lideranças femininas, bem como os oráculos de profetizas cristãs, foram retirados do canône. De acordo com as autoras (p. 29), “[...] o processo formativo da Bíblia conta com formas diversas de violências como negatização das atividades femininas, o silenciamento, ocultação do trabalho e a dificuldade crescente de acesso a posições de liderança”. O olhar feminista hermenêutico não vê a Bíblia como um terreno seguro para as mulheres, pois ali há códigos domésticos que colocam a mulher em posição de submissão, além de não produção e participação acerca do conhecimento. Ademais, ela não possui autonomia relacional entre outras posições que naturalizam e reproduzem a violência patriarcal. Quando se discorre sobre a mitologia de Maria Madalena e outras mulheres, faz-se importante ter a consciência de que esses textos podem contribuir para a perpetuação da violência e torna-se necessário utilizar métodos de leituras emancipatórias.

⁵ De acordo com integrantes do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a primeira-dama se baseou em uma lista produzida pela Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados, comandada por uma aliada do governo, a deputa Celina Leão (Progressistas-DF). Do total de 70 projetos, entretanto, 26 não têm relação direta com as mulheres. A lista inclui, por exemplo, projetos como o que define o crime de acusar falsamente um candidato nas eleições, sem qualquer distinção de gênero (WETERMAN, 2022).

Schüssler Fiorenza (2009) considerou que o quarto paradigma dos estudos bíblicos traz, além da compreensão dos textos propriamente ditos, um espaço para transformar a autocompreensão, a autopercepção e a autoalienação das mulheres.⁶ A interpretação bíblica passou a ser uma prática feminista crítica contra todas as formas de dominação. Há uma necessidade de desconstruir e reconstruir a identidade bíblica-religiosa de mulheres. Implica sair das relações de dominação e ocupar um espaço democrático e de Divina Sabedoria, *Sofia Theú*, assumindo um compromisso com movimentos democráticos sociais, multiculturais e multirreligiosos. Significa promover a luta e a transformação para o bem-estar das pessoas. E, para isso, há metodologias específicas.

3 CORPO, ENERGIA E SEXUALIDADE: O CARÁTER GENITAL DE CRISTO

Em linha com a teoria reichiana e de outros autores neo-reichianos, como Pierrakos e Lowen, no corpo humano está registrada toda a história do indivíduo. A percepção do corpo e o funcionamento do organismo humano são vistos na perspectiva energética. Através da inspiração e expiração, o ser humano pulsa e interage com tudo que pulsa em diferentes frequências.

Dentro dessa visão, estamos integrados ou buscamos a integração com tudo o que está ao nosso redor e com todo o universo. Nos últimos estudos de Reich, ele descobriu a energia orgônica.⁷ Já Pierrakos (1990, p. 18) preconizou que, a partir da perspectiva orgônica, todo o organismo humano (cada parte e o todo) se expande e contrai em um movimento pulsatório em ressonância com todo o universo, vez que “esta energia não é apenas quantidade ou massa, seu aspecto qualitativo, sua capacidade de direção tem consciência ou na verdade é consciência.” No processo de desenvolvimento do ser humano, essa pulsação (que tem três tempos: fases de expansão-assertiva, contração-

⁶ Em nota, a tradutora esclareceu que Fiorenza escreve *wo/mem* em inglês para diferenciar as mulheres que, conscientes da desumanização que sofreram por causa do sistema patriarcal, assumiram uma nova postura com relação à própria vida. Em português, ela traduziu *mulh*res* por este motivo.

⁷ Reich descobriu que havia uma energia que permeava tudo, a qual denominou energia orgone. Essa é a energia cósmica, de cor azul, primária, anterior à matéria e à vida. A energia orgone pulsa (se contrai e expande) e se desloca por meio de movimentos espiralados e através de ondas, é criativa. A pulsação OR (energia orgônica) e o funcionamento antientrópico da energia são conceitos básicos para compreender o funcionamento energético em um sentido geral e na vida em particular (CALEGARI, 2001).

receptiva e descanso) sofre interferências conforme a relação estabelecida com o meio ambiente e social (PIERRAKOS, 1990).

Para melhor compreender a energia-consciência humana, Pierrakos (1990) descreveu o mapa da consciência, o qual é constituído de três camadas, sendo a primeira delas uma essência (afirmativa e receptiva), ou centro vital, que pulsa de forma fluida e desobstruída. Essa essência tem qualidades criativas e amorosas e nos conecta com a espiritualidade e com Deus.

Em contato com o ambiente externo (social), ao se expressar as qualidades amorosas da essência e sofrer repressões e frustrações, há uma segunda camada energética mais densa de proteção, que possui qualidades agressivas e impulsos inconscientes negativos para neutralizar as forças externas e proteger a essência amorosa. Essa camada foi denominada secundária por Reich (1979) e eu inferior por Pierrakos (1990, p. 25): “Estes dois níveis representam a verdadeira realidade interior das pessoas”.

Ao longo da vida, à medida que o ser humano vai se desenvolvendo, essa expressão agressiva também não é aceita pelo meio social e uma terceira camada, chamada de periférica ou superficial por Reich (1979) e de máscara por Pierrakos (1990), vai se formando. Essa camada periférica “abrange o elemento de autoconsciência, o ego o agente do pensamento autoconsciente e da vontade exterior” (PIERRAKOS, 1990, p. 25). Essa terceira camada adapta as pessoas ao convívio social e vai se qualificando conforme os papéis exercidos (“bonzinho”, “autoritário”, “pessimista” etc.). As qualidades da essência vão se alterando e se apresentam na máscara de forma distorcida (o genuinamente bom se torna “bonzinho”, o líder nato se torna “autoritário”, e assim por diante).

Reich (1979, 1983, 1995) argumentou que a pessoa que age a partir da camada mais profunda, ou seja, da essência criativa e amorosa (PIERRAKOS, 1990), de forma autorregulada é a que possui o caráter genital. E, dependendo do grau de repressão dos impulsos, o caráter neurótico estaria agindo mais em ressonância com a camada superficial ou periférica (máscara) ou com a camada secundária (eu inferior).

Além do mais, Reich (1979, 1983, 1995) chamou de encorajamento o processo através do qual a pessoa vai ficando cada vez mais distante de sua essência amorosa e criativa, vai criando defesas e construindo uma vida sem graça ou muito agressiva, gerando desequilíbrio no fluxo energético pulsatório. Esse encorajamento se dá nos níveis muscular, mental (crenças limitantes) e emocional.

Para definir a pulsação saudável do organismo humano, de todos os seres e do universo, Reich (1979, 1983, 1995) utilizou a fórmula do orgasmo: excitação, clímax e relaxamento. Para o autor, o indivíduo saudável é aquele que mantém a pulsação ou potência orgástica, isto é, mantém um equilíbrio entre a carga e a descarga energética no corpo e interage de forma harmônica com o ambiente. A pulsação equilibrada acontece desde as menores células do corpo, nos órgãos, no corpo como um todo, que está em ressonância com o movimento que ocorre no planeta e no universo, que igualmente pulsa. Reich (1995, p. 60) estudou a pulsação energética a partir da sexualidade e considerava que

a fonte de energia da neurose tem origem na diferença entre o acúmulo e a descarga da energia sexual. A excitação sexual não satisfeita, que está sempre presente no mecanismo psíquico neurótico, distingue-o do mecanismo psíquico saudável (grifo do autor).

Pierrakos (1990) e Lowen (1997) ampliaram essa percepção considerando que o indivíduo pode manter essa pulsação através de movimentos que restabeleçam um fluxo respiratório saudável. Desenvolveram exercícios para buscar esse equilíbrio, flexibilizar a musculatura corporal, ativar e transformar as emoções. Por intermédio desse trabalho de movimento e autoconhecimento (Bioenergética e *Core Energetics*), a pessoa pode viver em contato maior com sua essência amorosa e criativa.

Reich (1983) definiu Cristo como quem tinha essa essência amorosa e criativa, esse caráter genital. O autor enunciou que Cristo morreu assassinado pela humanidade encouraçada que não suportou Seu equilíbrio pulsatório e Sua capacidade de amar. Ele ainda enfatizou que

*[...] o fato é que ninguém antes dele dispunha de uma estrutura de caráter que não apenas enxergasse o problema central da origem do homem, mas que VIVESSE A VIDA DE DEUS, tal como ela deve ser compreendida aqui, como *Vida da Natureza, incluindo os órgãos genitais não mutilados*⁸ e o AMOR ao PRÓPRIO AMOR (REICH, 1983, p. 118, grifos do autor).*

Reich (1983) realçou a presença das mulheres ao redor da cruz, destacando que elas amaram Cristo no corpo, que realmente viveram a Sua presença diária. Essas mulheres tiveram uma relação de amizade e amor com Cristo, diferente dos admiradores distantes, ou mesmo dos que O viam como professor/mestre, isto é, seus discípulos. Esses,

⁸ Reich (1983, p. 118) considerou que “a regra de circuncisão, uma das crenças mais sagradas dos judeus, indica claramente que os órgãos genitais eram considerados a fonte do mal.”

segundo Reich (1983, p. 176), continuaram a explorar a tragédia para deificá-Lo e usar Sua história para interesses diversos:

Os futuros representantes de Cristo serão escolhidos pelo povo como sucessores, porque mostrarão uma atitude solene e doura. Outros serão escolhidos por sua habilidade em organizar manifestações espetaculares; outros, porque são excelentes diplomatas [...] outros se revelarão, uma vez escolhidos, grandes guerreiros [...] sem se dar conta de que Cristo nunca aceitaria que os convertessem pela força. O homem, e não Cristo, prevalecerá no final.

Do ponto de vista de Reich (1983), os homens encoraçados, tomados pela peste⁹ emocional, punem de maneira pavorosa aqueles que vivem plenamente o amor físico de Deus. A pessoa que está com o corpo vivo e pulsante emana amor, paz, união e prazer, o que é uma afronta para aqueles que estão endurecidos. Cristo era cheio de vida e expressava esta vitalidade através do amor e de Suas ações transformadoras. Reich (1983, p. 178) complementou que

Cristo foi morto de uma maneira tão ignóbil, foi desonrado por uma multidão doente e causadora de doença, porque ousou amar com seu corpo sem pecar em sua carne. Cristo foi torturado porque os homens queriam aniquilar seu modo de viver autenticamente divino, ou seja, orgonótico, que lhes parecia estranho e perigoso.

Calegari (2001) asseverou que Reich considerava que o cerne da vida é o amor, e que o maior obstáculo a este amor é o medo. Ante a paralisação do amor, o ódio é uma reação natural, enquanto a dor é uma reação natural diante da paralisação da vida. Quando entramos em contato com a raiva e o ódio, e de forma responsável e segura expressamos estes sentimentos, nos aproximamos do amor. O contato e a expressão da dor liberam a pulsação da vida.

Nas palavras de Lowen (1997, p. 239), “a entrega a Deus é a entrega ao processo vital do corpo, aos sentimentos e à sexualidade”. No corpo há um fluxo energético

⁹ De acordo com Reich (1979, p. 305), “a peste emocional é uma biopatia crônica do organismo, não é uma classificação depreciativa”. Um indivíduo que tem sua mobilidade natural continuamente contraída desde o berço desenvolve movimentos artificiais, muletas da peste emocional. A peste emocional é uma doença endêmica. Manifesta-se essencialmente na vida social e está intimamente ligada ao caráter neurótico. Entretanto, não é todo indivíduo neurótico que apresenta essa doença. “De vez em quando se torna epidemia, como na inquisição católica da Idade Média e no fascismo internacional do século XX” (REICH, 1979, p. 306). É uma doença que deve ser tratada com medicina e educação. As pessoas acometidas pela peste emocional quase sempre possuem uma quantidade muito elevada de energia biológica (contenção energética muscular e emocional), acompanhada de uma rígida couraça caracterológica (crenças limitantes). Daí a explicação para a rigidez de pensamento e a agressividade. A pessoa atingida pela peste é produto de uma educação compulsiva e autoritária. “Nas esferas mais importantes da vida pode-se detectar a peste emocional no misticismo na forma destrutiva, sede de autoridade passiva e ativa, moralismo, politicagem partidária, métodos sádicos de educação, ideologias de guerras, ódio racial...” (REICH, 1979, p. 309).

ascendente que desperta os sentimentos espirituais ou transcendentais e um fluxo energético descendente que desperta sensações sexuais. Na harmonia dessa pulsação, a pessoa se equilibra, tendo as duas sensações. Dessa maneira, a sexualidade não significa somente relação sexual, mas a sensação corporal prazerosa que pode ser direcionada ou não a outra pessoa, assim como a espiritualidade não significa ir ou fazer parte de uma instituição religiosa, mas ter sentimentos ou excitação em relação à vida, ao universo, ter gratidão e amar todos os seres (LOWEN, 1997).

Quando voltamos para Maria Madalena, condenada por tantos séculos como pecadora e demonizada por sua vivacidade, a partir da teoria reichiana verifica-se que há condenação do seu modo de estar na vida. Maria Madalena era uma mulher bem-sucedida, livre, que seguiu Jesus, era independente financeiramente, se tornou líder e O amou profundamente. Também era uma mulher com caráter se não genital, muito próximo a isto. Em sua entrevista concedida por e-mail a Santos (2016a, p. 53), a pesquisadora mexicana Marcela Zapata-Meza, que dirige o sítio arqueológico em que se imagina ser a região de Magdala, concluiu a partir de estudos arqueológicos que

O papel da mulher no século I era de ser protetora da família (como continua sendo nos nossos dias). A mulher não tinha um papel nas questões de religião nem de política. Portanto, as mulheres de Magdala deveriam ter mantido a união familiar, sendo os pilares da casa. Eu não acho que Maria Madalena mudou esse papel durante o século I, no entanto, depois de ser libertada de sete demônios, algo muda na sua vida, que a faz seguir Jesus e se converter na apóstola dos apóstolos. O seu exemplo teve um impacto positivo sobre a visão e o papel das mulheres ao longo do tempo.

Maria Madalena era uma mulher como tantas outras contemporâneas e, assim como Jesus, sofreu violência por pulsar de maneira ressonante, amorosa e com a consciência da unidade ou em busca dela. Isso explica sua demonização durante séculos por uma sociedade patriarcal misógina, que não suporta a vivência plena da amorosidade corporal e espiritual.

4 MARIA MADALENA: MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

Muitas versões de Maria Madalena vão sendo retratadas, influenciando, inspirando e instigando o imaginário individual e coletivo. Partindo da análise dentro da psicoterapia corporal, Maria Madalena parece ter possuído um caráter próximo do genital, com posições fortes, autônomas, sem perder a amorosidade e a equanimidade.

Como descreveu em entrevista concedida por e-mail a Santos (2016c), a professora brasileira Wilma Steagall De Tommaso, que atua no Museu de Arte Sacra de São Paulo, diferentes versões sobre Maria Madalena foram construídas ao longo dos séculos. Assim, na Idade Média foi retratada como uma mulher nobre, inspirando uma vida de arrependimento e esperança. Na Reforma, ela apareceu como penitente e intercessora, sendo usada como propaganda contra os princípios luteranos. De Tommaso arriscou-se a dizer: “Temos de reconhecer que a beleza interior de Madalena brilha por meio de todas as acusações, leituras equivocadas e lama lançadas contra ela” (SANTOS, 2016c, p. 59). Madalena perpassou toda a história, chegando de forma bem esplendorosa no cinema do século XX.

A dicotomia santa X pecadora perdura e parece que a peste emocional que contamina muitas pessoas encouraçadas, descrita por Reich (1979), vai permeando esse cenário. A religião cristã e a Bíblia continuam influenciando fortemente todas essas passagens e utilizando o místico para continuar oprimindo, reprimindo e subjugando.

De Tommaso também relatou que

Alguns textos apócrifos, “reservados e secretos” revelam, no entanto, uma Maria Madalena amada por Jesus de uma forma diferente, uma discípula que não apenas servia a Jesus, porém uma líder que faz sombra a Pedro, causando ciúme na comunidade apostólica (SANTOS, 2016c, p. 60).

Ainda complementou que ela se apresentava como sábia e

No evangelho apócrifo de Felipe, Jesus beijava Maria Madalena na boca, o que era uma forma de passar conhecimento (Felipe v. 31). Esse texto deixa implícito que Maria Madalena era companheira de Jesus, no sentido da mulher que consuma com o homem o ato sexual (SANTOS, 2016c, p. 61).

Essas passagens apócrifas exemplificam tanto o incômodo causado pela união saudável que Jesus e Maria Madalena construíram, quanto a negação, o ciúme e a raiva diante daquilo que muitas pessoas não conseguiam sentir por estar encouraçadas, distantes de sua essência.

Para Reich¹⁰ (1983), a tarefa para transformar as distorções não seria construir uma nova filosofia de vida, mas refletir sobre as falhas do funcionamento da humanidade. Conseqüentemente, ele apostava nas crianças que ainda nasceriam, que carregam toda a potencialidade em si, com “a tarefa de salvaguardar suas potencialidades inatas para que

10 A obra de Wilhelm Reich "O assassinato de Cristo" poderia ser pesquisada pelas teólogas feministas.

encontrem o caminho” (REICH, 1983, p. 223). Na teoria da orgonomia, sustenta-se a concepção de que a letargia e o imobilismo humanos são a expressão exterior da imobilização do sistema bioenergético decorrente da couraça crônica. Cuidar das crianças seria uma medida profilática para a imobilização.¹¹ A psicoterapia corporal (LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1990) traz a possibilidade de descongelar a energia imobilizada (contida na musculatura) e voltar a pulsar, através de técnicas corporais que mobilizam as emoções e promovem *insights*, mudando e/ou flexibilizando crenças e comportamentos.

Reich (2003) argumentou que a orgonomia é a compreensão factual da energia orgone cósmica, criativa (Deus), que se encontra tanto nas tradições cristãs como nas orientais. Difere do pensamento religioso pela concretude na formulação do conceito de Deus, pela evitação do conceito energético genital e pela descorporificação do Cristo vivo, autêntico, que viveu todo o amor a partir do Seu corpo.

A negação do corpo e a incompreensão ou a deturpação das sensações corporais geram violência. Desse modo, há homens que não suportam suas sensações e as usam violentamente contra as mulheres. As mulheres que brilham, como Maria Madalena, incomodam e, na cabeça dos homens encouraçados, elas devem ser eliminadas, subjugadas, humilhadas.

A teologia feminista dedica novas perspectivas e olhares para os textos bíblicos, além de elucidar as imagens das mulheres e de outros marginalizados através de uma visão libertadora, denunciando os textos opressores e enaltecendo os registros das atuações sociais e religiosas. Richter Reimer e Souza (2020, p. 32) advertiram que a teologia feminista pode ser usada como uma “ferramenta para ajudar as vítimas a identificar, nomear e resistir às violências que sofrem”. Outro aspecto a ser ponderado é que, através dos textos bíblicos interpretados por meio da leitura libertária feminista, “as mulheres percebem que suas vivências cotidianas podem ser políticas e que uma mulher fortalece a outra” (RICHTER REIMER; SOUZA, 2020, p. 32).

11 [...] a) entre 1939 e 1949, Reich planejou que medidas deveriam ser tomadas para alcançar o objetivo de contribuir para a formação de crianças mais saudáveis; b) em 1949, foi fundado o Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância (OIRC), entidade destinada a colocar em prática as ideias voltadas para as Crianças do Futuro. Antes do início das ações em 1949, Reich já havia esboçado quais caminhos deveriam ser seguidos pelo OIRC. Ele descreveu quatro pontos de atuação. O primeiro consistia em cuidar das gestantes com a finalidade de conhecer as influências da vida intrauterina para a saúde do bebê. O segundo visava o estudo das experiências do bebê com o intuito de remover obstáculos em seu desenvolvimento, o que aconteceria desde o nascimento até os primeiros dias de vida. O terceiro implicava em prevenir o encorajamento durante os cinco ou seis primeiros anos de vida. O último ponto seria o registro do desenvolvimento dessas crianças até a puberdade (FARIA, 2012, p. 6).

Schüssler Fiorenza (2009) pronunciou-se sobre a “dança da Sabedoria”, a ser realizada com e através dos textos bíblicos, em um resgate de libertação, com a utilização de lentes hermenêuticas emancipatórias em prol da conscientização, de um movimento através do qual as mulheres são despertadas. Essa ampliação da visão consciente busca promover a união das mulheres e daqueles que a compartilham para aumentar a força viva que combate os opressores.

Conforme Schüssler Fiorenza (2009), a leitura e a compreensão bíblica, assim como a interação entre o ser humano e a Bíblia, devem abarcar o que entenderam do texto e como este foi aplicado ao longo da história, de tal modo que possam analisar os poderes que excluíram as mulheres das tradições de interpretação. Schüssler Fiorenza (2009, p. 11) ainda indicou que

A Bíblia deve ser concebida como uma ferramenta de ajuda: para tomar consciência das estruturas de dominação, inseridas no texto e na interpretação, e para elaborar visões da democracia radical [...] Trata-se de uma proposta política que se articula não apenas com a teologia, mas com movimentos sociopolíticos pela transformação.

Richter Reimer (2005) argumentou que nos referenciais básicos da hermenêutica feminista, os textos sagrados são considerados testemunhos de fé dentro de um contexto histórico-cultural e que as experiências de vida, assim como as experiências privadas e públicas nas dimensões sociais, culturais e econômicas, são espaços de acesso para uma compreensão dos textos em seus próprios contextos. Faz-se imprescindível o resgate dos corpos históricos com todas as suas experiências de modo holístico, sendo vital a ruptura com o silêncio opressor e de resistência nas relações de gênero. Também é primordial utilizar a categoria de análise de gênero para viabilizar processos de desconstrução e reconstrução. A leitura da Bíblia em uma perspectiva feminista libertadora denota e envolve visibilizar as histórias e desmascarar o silêncio e a ausência dos corpos das mulheres e de outras minorias. Nesse processo, deve-se também questionar as falas androcêntricas-patriarcais e analisar as funções libertadoras ou opressoras, indagando sobre os efeitos históricos dos textos para

conhecer e (re)construir outras imagens de Deus e maneiras de relacionar-se com Deus [... e sobretudo] elaborar uma ética que afirma a vida como valor absoluto, buscando construir novas relações de gênero e afirmando a interdependência de todos os elementos da criação (RICHTER REIMER, 2005, p. 35).

Apesar de a palavra movimento (dança, ondas, giros) utilizada por Schüssler Fiorenza (2009) se apresentar em sentido metafórico, há um encontro dessa autora, que traz a hermenêutica feminista da libertação, com os autores da psicoterapia corporal (LOWEN, 1982, 1990, 1997; PIERRAKOS, 1990; REICH, 1979, 1983, 1995, 2003). Os últimos confirmam a importância do movimento e da flexibilização (mente, corpo), do expressar das emoções, da transformação das negatividades e do despertar da essência. Como apontou Schüssler Fiorenza (2009, p. 189):

Dançar envolve tanto corpo como espírito, envolve sentimento e emoções, leva-nos para além de nossos limites e cria comunhão. Dançar confunde a ordem hierárquica, porque se move em espirais e círculos. Faz-nos sentir vivos/as e cheios/as de energia, poder e criatividade.

Nesse encontro do movimento em busca da vida e da transformação há uma convergência entre a teoria psicoterápica corporal e a hermenêutica feminista de libertação, podendo-se unir caminhos e forças para a diminuição da violência contra todas as Marias Madalenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que as leituras foram sendo realizadas e analisadas, pôde-se perceber que a figura de Maria Madalena foi adquirindo novas nuances ao longo dos séculos. A subjugação e/ou exclusão foi aparecendo de forma explícita, sutil ou justificada. Maria Madalena e Jesus são dois personagens que viveram todo o movimento pulsatório corporal de forma saudável. Corpos vivos, amorosos, solidários e que buscavam a transformação sociocultural. A negação dessa vitalidade amorosa, aliada à repressão dos sentimentos visando um controle autoritário patriarcal deturpam os valores éticos e amorosos cristãos.

A liberdade genuína e a busca da unidade geram medo da responsabilidade que essa liberdade acarreta, trazendo à tona as imagens repressivas que ocorreram ao longo da história. Para amenizar esse medo, busca-se uma liderança que não é a do Jesus libertário, porque Ele foi assassinado, mas de uma figura autoritária que usa o Cristo mistificado para justificar ações e medidas que geram violência.

Nesse contexto, Maria de Magdala pode ser entendida como representação para muitas mulheres madalenas. As Marias Madalenas se perpetuam e confirma-se a necessidade de uma re-construção da imagem daquela mulher e de tantas outras mulheres

líderes presentes na Bíblia que são desconsideradas. Uma re-construção através da hermenêutica feminista libertária, transformadora, resgatando toda a união e o poder que foram retirados das mulheres ao longo dos séculos com diferentes formas de violência. Faz-se necessário um movimento corporal consciente, de tal sorte que as máscaras sejam encaradas, as negatividades transformadas e a essência e a amorosidade criativa brilhem como Maria Madalena.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Patricia R. Maria Madalena era “uma mulher rica”, não uma prostituta. *El País*, Madri, 3 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/02/cultura/1533237261_768771.html. Acesso em: 28 jul. 2022.

CALEGARI, D. *Da teoria do corpo ao coração: uma visão do homem a partir da energia cósmica*. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira; ALVES, Paloma Palmieri; LIMA, Renato Sérgio; MARQUES, David; SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; LUNELLI, Isabella Cristina; RODRIGUES, Rute Imanishi; LINS, Gabriel de Oliveira Accioly; ARMSTRONG, Karolina Chacon; LIRA, Pablo; COELHO, Danilo; BARROS, Betina; SOBRAL, Isabela; PACHECO, Dennis; PIMENTE, Amanda. *Atlas da violência 2021*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Tradução José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FARIA, Cynthia Cavalcanti Moura de Melo. *Wilhelm Reich e a formação das crianças do futuro*. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Doi 10.11606/D.47.2013.tde-30042013-160542. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30042013-160542/publico/faria_me.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência contra mulheres em 2021*. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GEBARA, Ivone. *O que é a teologia feminista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, v. 326).

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GUIZZO, Dirce Socorro. *Maria Madalena: luzes e sombras na urdidura de uma imagem*. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <http://localhost:8080/tede/handle/tede/817>. Acesso em: 28 jul. 2022.

HEBBLETHWAITE, Margaret. *Maria de Magdala, evangelista e apóstola dos Apóstolos*. [Artigo publicado em The Tablet, 15 jul. 2021]. Tradução Moisés Sbardelotto. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611140-maria-de-magdala-evangelista-e-apostola-dos-apostolos>. Acesso em: 28 jul. 2022.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEIA e assista ao discurso de Michelle na convenção do PL. *PODER360*, [S. l.], 24 jul. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-e-assista-ao-discurso-de-michelle-na-convencao-do-pl/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOWEN, Alexander. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e a harmonia*. Tradução Paulo César de Oliveira. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

LOWEN, Alexander. *Alegria: a entrega ao corpo e à vida*. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1997.

LOWEN, Alexander. *Bioenergética*. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

MALLEUS Maleficarum (O martelo das bruxas). Parte I. Tradução Alex H. S. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

PIERRAKOS, John C. *Energética da essência (Core Energetics): desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. Tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1990.

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. Tradução Maria da Glória Novak. 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Tradução Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

REICH, Wilhelm. *Éter, Deus e o Diabo: a superposição cósmica*. Tradução Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo*. Tradução Carlos Ralph Lemos Viana e Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

RICHTER REIMER, Ivoni. Educação teológica como serviço à vida à luz da práxis crítico-libertadora de Jesus. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 2, p. 15-27, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1104/1130>. Acesso em: 28 jul. 2022.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias Bíblicas; 8).

RICHTER REIMER, Ivoni; SOUZA, Carolina Bezerra de. Violência, Bíblia e as mulheres. In: LELLIS, Nelson; ULRICH, Claudete Beise (org.). *Mulheres em foco*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

RICHTER REIMER, Ivoni; SOUZA, Carolina Bezerra de. Maria de Magdala: das redes evangélicas para a festa? In: ECCO, Clóvis *et al.* (orgs.). *Justiças*. IX Congresso Internacional em Ciências da Religião PUC Goiás. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. p. 260-277.

SANTOS, João Vitor. A Magdala de Maria. Tradução Luis Sander. [Entrevista concedida por Marcela Zapata-Meza por e-mail]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 489, ano XVI, p. 52-53, 18 jul. 2016a. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SANTOS, João Vitor. As faces femininas em um cristianismo sem véu. Tradução Luis Sander. [Entrevista concedida por Elizabeth Johnson por e-mail]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 489, ano XVI, p. 19-22, 18 jul. 2016b. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SANTOS, João Vitor. O mosaico das “Madalenas”. [Entrevista concedida por Wilma Steagall De Tommaso por e-mail]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 489, ano XVI, p. 54-64, 18 jul. 2016c. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SANTOS, João Vitor. O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização pela crença. [Entrevista concedida por Ivoni Richter Reimer por e-mail]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 489, ano XVI, p. 35-39, 18 jul. 2016d. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6531-ivoni-richter-reimer>. Acesso em: 27 set. 2022.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SUA BÍBLIA online: Almeida revista e atualizada. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.suabibliaonline.com.br/almeida-revista-e-atualizada>. Acesso em: 29 jul. 2022.

WETERMAN, Daniel. Michelle infla número de leis sancionadas por Bolsonaro para proteção das mulheres. *UOL*, Brasília, DF, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/07/27/michelle-infla-numero-de-leis-sancionadas-para-mulheres.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 29 jul. 2022.

WILDER, Amos N. Mito e sonho na escritura cristã. *In*: CAMPBELL, Joseph (org.). *Mitos, sonhos e religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*. Tradução Angela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 51-67.